Educação Unisinos
11(3):200-205, setembro/dezembro 2007
© 2007 by Unisinos

O humor na literatura infantil

Humor in children's literature

Leila Mury Bergmann
lmuryb@terra.com.br
Renata Gonçalves Sassi
natsassi@terra.com.br

Humor é a maneira imprevisível, certa e filosófica de ver as coisas"
(Monteiro Lobato *in* Martins, 1972, p. 29-30)

Resumo: Este artigo aborda o humor na Literatura Infantil, apresentando alguns estudos a respeito desta temática e, em especial, ao modo como ele se manifesta nas histórias dirigidas às crianças. O texto fala resumidamente sobre algumas experiências em relação ao tema, na intenção de que outros educadores façam o mesmo. A pesquisa mostra ainda estratégias utilizadas por autores que, ao escreverem livros para o público infantil através da comicidade e do riso, estimulam a criatividade e a aprendizagem da criança, apresentando a importância do humor na "contação de histórias" para o desenvolvimento cognitivo e psicológico da criança. Concluiu-se que as diversas maneiras de contar histórias (tais como a exploração da arte visual que une texto e imagem) influenciam na maneira como as narrativas são interpretadas e provocam humor.

Palavras-chave: humor, Literatura Infantil.

Abstract: This article discusses humor in children's literature by presenting some studies on this topic and especially on the ways it is expressed in children's stories. The paper talks briefly some experiences related to this topic in the hope that other authors will do the same. It also shows strategies used by authors who, when writing books for children by using humor and laughter, stimulate children's creativity and learning. It presents the importance of humor in the process of story-telling for the psychological development of children. It concludes that the different ways of telling stories (such as the exploration of the visual art that joins text and image) influence the way the narratives are interpreted and provoke humor.

Key words: humor, children's literature.

Introdução

Poderíamos iniciar este texto citando vários estudos a respeito de atividades lúdicas envolvendo humor, os quais comprovam que através do brincar a criança explora muito mais sua criatividade, facilitando, desta maneira, o processo de aquisição do hábito da leitura. Ou lembrar ainda que, por meio do jogo, o ser humano desenvolve e exercita sua memória, seu raciocínio, sua capacidade de percepção, sua criatividade e sua autonomia. Também poderíamos iniciar dizendo que o processo de jogar é capaz de elevar a auto-estima, e a criança, mesmo após o jogo, sente-se parte do grupo e nele se fortalece. Mais: o indivíduo criativo é um elemento importante para o funcionamento efetivo da so-

ciedade, pois é ele quem faz descobertas, inventa e promove mudanças. No entanto, resolvemos aproveitar este espaço para falar um pouco e resumidamente sobre nossa experiência em relação ao tema na intenção de que outros educadores façam o mesmo. Assim, em forma de relatos, talvez possamos comprovar a idéia de que a criança e/ ou o jovem, atualmente, opõem-se e apresentam resistência à leitura (bem como à escola e ao ensino), porque acima de tudo ela não é lúdica, não é prazerosa.

Professoras há muitos anos, já tivemos alunos de diversas faixas etárias (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e Graduação) e, portanto, com uma vasta experiência em sala de aula, acreditamos ser possível afirmar o quanto obtivemos resultados positivos ao fazer uso do lúdico em nossas aulas de leitura. Através da utilização de jogos, músicas, histórias, observamos o quanto o brincar assume um papel de integração social, facilitando o aprendizado.

Desta maneira, a aplicação de jogos lúdicos pedagógicos nas salas de aula serve como elemento de apoio, de incentivo, de interação, de uso efetivo de língua oral ou escrita e de desenvolvimento de habilidades. Neste sentido, ao explorar o humor pode-se, além de aumentar os conhecimentos lingüísticos e comunicativos das crianças, promover cooperação e socialização e, conseqüentemente, humanizar.

A ludicidade contribui significativamente para o aprendizado dentro de situações contextualizadas e significativas, e a arte de rir, o cômico, fez/ faz com que esta forma prazerosa de aprender – e que torna as aulas *com sabor de quero mais* –, resgate e faça brotar o que de mais fascinante existe em todos nós e sobre tudo em nossos alunos: o sorriso e o humor.

E... Quanto às histórias? Quem não tem uma para contar, ou quem nunca foi ouvinte de uma? As histórias – boas, más, com bruxas e fadas, ou com pessoas reais, de suspense, românticas ou **cômicas** – impulsionaram-nos a pesquisar, a questionar e ir em busca de indagações sobre o humor na Literatura Infantil, bem como a forma de narrá-lo. A partir de nossa longa experiência como ouvintes, como contadoras de histórias, como professoras e como mães, foi que surgiu a vontade de escrever sobre este tema: Histórias que provocam o riso nas crianças.

Assim, iniciamos o presente artigo apresentando a importância da *Contação de histórias* para o desenvolvimento cognitivo e psicológico da criança, pois através da narrativa é possível trabalhar a imaginação, a criatividade e muitas outras questões, tanto pessoais quanto sociais, relacionadas ao universo infantil. Na seção seguinte, *O humor na Literatura Infantil,* aparece um breve resumo sobre como o humor era apresentado no século passado e como vem sobrevivendo até os dias contemporâneos. Trazemos também, exemplos de alguns livros de histórias infantis, arriscando breves análises sobre os mesmos.

Por último, nas *Considerações finais*, sem a pretensão de esgotar um tema tão amplo e instigante, tecemos alguns comentários a respeito do que foi apresentado neste artigo.

Esta não é uma história de fadas, de meninos que voam nem de animais que falam... Apesar disto, esperamos que sirva para explicar um pouco a relevância de uma história bem contada, de um ambiente bem preparado, de uma entonação da voz adequada; enfim, a intenção maior aqui é justamente pretender que este artigo possa, de uma maneira ou de outra, influenciar futuras Contações de Histórias que envolvam o humor.

Aspectos gerais da contação de histórias

Por volta do século XVII, as histórias, inicialmente, eram escritas para os adultos com o intuito de passar mensagens preliminares aos mesmos. As crianças, que eram consideradas "adultos em miniatura" nesta época, não tinham acesso às histórias. Assim, as histórias *antigas*, não sendo destinadas especificamente a um público infantil, continham narrativas de um mundo *bruto* e *cruel*. Conforme Corso e Corso (2006, p. 16):

> A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas a de ajudar os ambientes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a fome, a violência dos homens e da natureza.

A Literatura Infantil aparece somente a partir do século XVIII, tendo características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, e do novo *status* concedido à infância na sociedade e da reorganização das instituições escolares. Como nos coloca Jacoby (2003, p. 185):

> Tendo-se apropriado da Literatura Infantil, como instrumento da pedagogia, desde as necessidades geradas pelo novo modelo familiar burguês, no século XVIII, a escola continua, ainda hoje, sendo reconhecida como o lugar ideal para o trabalho com o livro e, por extensão, para o despertar do gosto pela leitura.

A literatura está relacionada à prática de ouvir e contar histórias e provém da nossa necessidade de comunicar aos outros experiências, sentimentos, emoções... Ao usar as palavras e sobrepor a elas um toque especial de *magia* e encantamento, cada contador cria suas várias formas de narrar uma história. Foi desta idéia que surgiu o fascínio pelas formas de contar histórias, tarefa (aparentemente) tão simples e de tão grande significação para quem escuta. Além de prazerosa, a narrativa privilegia a transmissão de conhecimentos e valores, tornando-se também responsável pela

formação e desenvolvimento cognitivo e psicológico humano. É através das histórias que as crianças se apropriam de um amplo vocabulário, entram em contato com a música e, fazendo um intercâmbio entre o real e o imaginário, transformam este momento *mágico* em brincadeiras e humor, muitas vezes, inesquecíveis.

A contação de histórias pode influenciar de várias maneiras: na formação do indivíduo, em sua personalidade, impondo aspectos morais de forma subjetiva, ou ainda na resolução de conflitos, frustrações e superações pessoais. Além disso, pode influenciar em aspectos cognitivos, facilitando a produção criativa e a imaginação. Para Jacoby (2003, p. 192):

> A importância da leitura como atividade prazerosa é fundamental para o desenvolvimento da percepção estética, para a formação intelectual e como instrumento de indagação e conhecimento do leitor sobre si e o mundo, vêm somar-se recentes descobertas da medicina que atribuem à leitura ou à audição de narrativas, nos primeiros dez anos de vida, a potencialidade de determinadas áreas do cérebro, responsáveis pelo desenvolvimento da capacidade verbal e oral da criança.

A formação de leitores depende de como foram introduzidas as histórias infantis, as formas como foram apresentadas, contadas. O aspecto **lúdico** e **prazeroso** deste momento possibilita uma cumplicidade entre o contador e o ouvinte e a maneira como é contada depende do perfil de quem conta e de quem escuta, somado a uma relação afetiva com a história. É de extrema responsabilidade do contador o primeiro contato da criança com o texto, pois este contato é feito oralmente e se dá a princípio dentro da família, pelas mães, pais e avós.

> Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo... (Abramovich, 1995, p. 16).

Para o escritor Ângelo Machado[1], o humor é um componente fundamental para que as crianças gostem de ler. Segundo ele, se as crianças não aprenderem a gostar de ler livros infantis, nunca lerão os livros de literatura para adultos. Se um adulto lê um livro e não gosta, ele o deixa de lado e vai à procura de outro.

Na Literatura Infantil contemporânea, nos textos atuais, aparecem temas como a relação de poder através do recurso da paródia e do **humor**, apresentando um autoritarismo às avessas, conforme algumas histórias narradas por autoras como Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Mesmo apesar da inversão, o poder de encantamento dessas narrativas permanece. E acreditamos que sempre haverá espaço para fluir a imaginação das crianças. Conforme Caldin (2001): "Há muita coisa além do que a visão alcança e só é possível chegar até elas pelas vias do imaginário."

A arte de contar histórias... engraçadas!

> A possibilidade mais simples de se inventar histórias cômicas nasce do aproveitamento do erro. As primeiríssimas histórias serão mais gestuais do que verbais. O pai coloca os sapatos nas mãos. Depois na cabeça. Quer tomar sopa com o martelo... (Rodari, 1982, p. 125).

A arte de contar histórias que provoquem o riso requer do contador alguns passos: Cabe a ele seguir um ritual, primeiramente a escolha do ambiente, do repertório, do texto a ser lido, contado ou adaptado (enquadrando ao público a que se destina), da escolha de recursos auxiliares (se tiver), o preparo da voz (modulando esta de acordo com os acontecimentos), do uso da improvisação, da criatividade e sobretudo muita disposição e animação. Além, é claro, do senso de humor. Faz-se necessário que o narrador seja atento e sensível a tudo que aconteça – não se esquecendo de usar uma linguagem acessível, sempre provocando a emoção.

As características lúdicas e realistas dadas à forma como as histórias são contadas estabelecem uma relação com a ficção, assim como o tom de voz dado a cada personagem, fazendo com que os ouvintes a interpretem através de diferentes óticas. A esse respeito, Rodari (1982, p. 55) sugere, para isso, um velho jogo: "Errando as histórias":

> "- Era uma vez uma menina que se chamava Chapeuzinho Amarelo.
> - Não, Vermelho!
> **- Ah, sim, Vermelho. Então o seu pai a chama e...**
> - Não, não foi o seu pai, foi a sua mãe.
> - Certo. Ela a chama e diz: Vá à casa da tia Rosa levar-lhe...
> - Ela disse para ir à casa da vovó, não da tia!"

O autor acima citado avisa que este é um jogo sério e que é preciso saber jogá-lo. Sabe-se que as crianças, em geral, mostram-se muito conservadoras em relação às histórias e querem escutá-las como as conhecem, pelo prazer de reconhecê-las na mesma ordem, vivenciando outra vez as mesmas emoções que sentiram ao ouvi-las pela primeira vez, na seqüência: surpresa – medo – gratificação.

[1] Ângelo Machado, médico, aos 50 anos começou a escrever para crianças e hoje é autor consagrado, com diversos livros de Literatura Infanto-Juvenil publicados.

Rodari (1982) lembra também que este jogo de errar histórias pode, a princípio, irritar a criança, que está preparada para a aparição do lobo... Mas a aparição do novo também a inquieta. Em todo caso, o jogo terá sua eficácia terapêutica, pois ajudará a criança a livrar-se de certas fixações. "O jogo desvilaniza o lobo, desincendeia o inferno, ridiculariza a bruxa, estabelece um vínculo mais puro entre o mundo de verdade – onde certas liberdades não são possíveis – e o mundo imaginário" (Rodari, 1982, p. 56).

E, ainda falando em jogo, o processo mais utilizado para se contar histórias engraçadas (ou que provoquem o riso) nessa categoria "brincadeira" é a *condensação*. Conforme Gurgel (2006), a *condensação* acontece quando o autor, estrategicamente, utiliza o que chamamos gramaticalmente de palavras homógrafas, ou seja, é a repetição de palavras com a duplicidade de idéias. Significado e significante se interpõem num constante exercício de criatividade, estando presentes os usos de metáforas e o trabalho com a ambigüidade, como recurso de subjetividade.

A exemplo disso, Rodari (1982) nos lembra que, na linguagem diária, fazemos uso de diversas metáforas e nem prestamos atenção... Dizemos que um relógio *pula os minutos*; para a criança, porém, isto pode ser novo (e engraçado) se ela associar o "pular" ao sentido literal do verbo, como "dar saltos", "pular o muro"... Aí, acredita-se, o narrador mais *esperto* aproveitará a *deixa* se estiver contando uma história: "Era uma vez um relógio que pulava os minutos. Pulava também a cerca e o muro. Pulava tudo..." (E eis que, por pura combinação, o *nonsense* ganha o significado de uma palavra sobre o tempo, o autêntico "pula-tudo") (Rodari, 1982, p. 127). Importa destacar que o termo *nonsense,* além de significar algo desprovido de coerência, pode designar também, uma espécie de conduta contrária ao bom senso.

As histórias podem tornar-se engraçadas se nos basearmos no jogo com as palavras. Assim, os vários sentidos dos termos e das expressões poderão determinar o grau de comicidade existente no texto. A *criatividade* do narrador, diríamos, está sendo vista aqui sinônimo de "pensamento divergente", isto é, de um pensamento que rompa com o esperado pelo ouvinte. Criativo é narrar fazendo perguntas, descobrindo problemas onde todos só vêem respostas satisfatórias, recusar o codificado, problematizar conceitos, e, além de não ter medo do novo, não se deixar inibir pelo conformismo. (Com certeza, agindo assim o público infantil irá agradecer).

O humor na Literatura Infantil

O humor?... O humor, a princípio, era transmitido (nos séculos passados) pelos bobos da corte, os quais se apresentavam fazendo uso de sátiras, ditos populares e trocadilhos, provocando risos ao público ouvinte. Dotados de um grande senso de humor e utilizando-se da ironia e da crítica intrínseca, os bobos da corte transmitiam sutilmente o modo de ser dos adultos e da sociedade, fazendo com que o ouvinte refletisse sobre situações cotidianas.

Para referir-se ao humor e ao cômico na Literatura Infantil, alguns autores de livros infantis brincam com as palavras, jogando com as mesmas e usando rimas. Desta maneira, invertendo papéis dos personagens, tratam do inesperado e dão graça às situações propostas. A comicidade pode partir de uma simples repetição de acontecimentos onde se insere uma nova dinâmica. Abramovich (1995, p. 58) ilustra nossas palavras:

> Existem autores com visível bom humor na nossa Literatura Infantil e Juvenil. Outros demonstram, numa ou noutra obra, capacidade de fazer rir, sorrir, gargalhar, perante um acontecimento. Outros têm uma boa idéia, outros conseguem uma grande sacada, outros colocam muita ironia e agudeza na boca dum dos personagens como contrabalanço pra seriedade geral, etc.

A esse respeito, cabe lembrar aqui as novas versões dos Contos de Fadas. Conforme Vidal (2006), elas procuram representar os príncipes, as princesas tradicionais com *novas roupagens*, apresentando-os com novas atitudes, bem diferentes dos contos de fadas clássicos *antigos* que conhecemos. Estes livros da Literatura Infantil contemporânea mostram, com bastante humor, por exemplo, um novo jeito de ser das princesas – que passam a ser corajosas, rebeldes e espertas. Enfim, elas agora são apresentadas com características contrárias àquelas dos contos de fadas tradicionais. Vários autores já publicaram histórias engraçadas, que divertem porque transgridem, porque consistem "em uma reviravolta do tema fabulístico" (Rodari, 1982, p. 60). Entre eles, é possível citar as obras de Sylvia Orthof, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Kátia Canton, etc.

Um exemplo de livro que retrata o humor-brincadeira relacionando a imagem à escrita é *O menino maluquinho*, de Ziraldo (1980). Por exem-

[2] Como não era o objetivo deste trabalho pesquisar especificamente as Histórias em Quadrinhos, elas estão sendo mencionadas aqui apenas como exemplo de humor na Literatura Infantil.

plo, a expressão "ele tinha o olho maior que a barriga" é uma opção consciente do autor "cuja finalidade humorística demonstra uma relação de cumplicidade autor-texto-leitor" (Gurgel, 2006) (Figura 1).

As histórias em quadrinhos[2] também fazem parte da Literatura Infantil onde o código visual alia-se a exercícios de criatividade tanto do autor quanto do leitor dando comicidade às ações dos personagens e transformando situações cotidianas e fantasiosas em humor. Enfim, as histórias em quadrinhos constituem um tipo de produção ímpar ao juntar imagem e texto, literatura e artes visuais.

Além desses autores, cabe lembrar aqui os novos contos de fadas reescritos por Walt Disney (2005), pois *até*, diríamos, os próprios estúdios da Disney estão, de certa forma, "aderindo" (ou, no mínimo, procurando se aproximar) aos/dos novos discursos contemporâneos na Literatura Infantil que fazem uma crítica aos Contos de Fadas tradicionais. Publicados recentemente, esses livros – uma coleção que apresenta as "famosas" histórias da Disney tais como "Branca de Neve", "A pequena Sereia", "Cinderela", "A Bela Adormecida", etc. – procuram misturar o maravilhoso e o real. E o resultado, na visão do público infantil, é hilário...

Ele tinha o olho maior que a barriga

Figura 1. O menino maluquinho (Ziraldo, 1980).

Minha versão da história - Branca de Neve: A Rainha (Disney, 2005) (da história da "Branca de Neve") e *Minha versão da história – A Bela Adormecida: Malévola* (Disney, 2005) (da história da "Bela Adormecida") possuem muitos elementos ricos para futuras análises. No livro, aparecem explicações da Rainha Má dizendo que mandava a Branca de Neve esfregar todo o palácio porque a "enteadazinha" precisava fazer exercícios *para emagrecer*... Além disso, a implicância da Rainha Má com o príncipe (que aparece para conversar com a Branca de Neve) é justificada pelo fato de que ele poderia ser um criminoso ou um *seqüestrador*... Ou seja; nota-se a preocupação em tratar de temas atuais – a busca pela magreza e o problema da segurança pública – através de personagens dos Contos de Fadas.

Ainda, a maçã oferecida à princesa não estava, explica a rainha, enfeitiçada... A fruta continha, isso sim, "agrotóxicos" e, claro, *não fora lavada direito*! Importa ressaltar ainda que nas ilustrações que acompanham a história *Minha versão da história - Branca de Neve: A Rainha* (Disney, 2005) (da história da "Branca de Neve") aparece, no livro, a Branca de Neve recusando um pedaço de bolo, a Rainha Má (ao visitar a princesa na casa dos 7 anões) se vestindo mais "moderna", de lencinho na cabeça, sapatinhos confortáveis; enfim, nada da roupa "tradicional" de bruxa (com botas, chapéu, etc.). Através dos trechos citados, procuramos exemplificar que o humor aqui aparece justamente no encontro entre a realidade e a fantasia.

Considerações finais

Ao finalizar este artigo, esclarecemos que não se pretende aqui apresentar nenhuma conclusão definitiva a respeito de um tema tão instigante – *o humor na Literatura Infantil* – para quem trabalha com crianças. Importa ressaltar o fato de que não foram encontrados muitos estudos sobre este assunto; porém, diante do que foi pesquisado, observou-se que existem algumas estratégias, como as apresentadas por Rodari (1982), que podem ser usadas "a serviço" de uma narrativa humorística, que provoque o riso na criança e que oportunize, enfim, uma interação engraçada entre o ouvinte e a história.

Acreditamos que, como profissionais, na qualidade de professoras, precisamos, sim, de idéias práticas. Pensemos, por analogia, numa simples receita de bolo. Cada um irá recriar a receita anterior produzindo alguma coisa nova. Assim, cada texto, cada sugestão prática para se trabalhar em sala de aula constitui uma proposta de significação que não está inteiramente construída. A significação se dá no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário, pois cada produção humana dialoga necessariamente com as outras.

Neste trabalho, constatou-se também que as diversas maneiras de contar histórias – explorando, por exemplo, a arte visual que une texto e imagem – influenciam no modo como as narrativas são interpretadas, possibilitando assim a presença do humor. Da mesma forma, o caráter cômico da narrativa pode aparecer através do jogo de palavras, da criatividade e do *nonsense*. A esse respeito, Lya Luft (2004), na contracapa de seu livro, expressa o que as histórias podem provocar:

[2] Como não era o objetivo deste trabalho pesquisar especificamente as Histórias em Quadrinhos, elas estão sendo mencionadas aqui apenas como exemplo de humor na Literatura Infantil.

> Não importa se tudo isso aconteceu de verdade ou não. O interessante na vida é que às vezes, ao menos na nossa imaginação, dois mais dois podem não ser quatro, o claro pode ser escuro, e o sol pode virar lua. Acreditem: o jardim de qualquer um de nós em certas horas é habitado por fadas e duendes, de repente os bichos falam, uma avó pode voar montada numa vassoura, e uma neta pode ser ajudante de feiticeira. O mundo não tem só coisas preciosas, sérias e complicadas, mas muitas coisas **engraçadas** e maravilhosas... Para quem souber olhar direito e abrir seu coração para elas (Luft, 2004, grifo nosso).

Por fim, observou-se ainda que até mesmo alguns Contos de Fadas *tradicionais* estão se adaptando aos discursos atuais do nosso século, colocando no mercado literário obras que abordam a fantasia e a realidade, usando sátiras para provocar o humor. Neste sentido, conforme Vidal (2006, p. 38): "A Literatura Infantil está construindo verdades e consagrando formas socialmente aceitáveis de ser e viver na sociedade contemporânea."

Referências

ABRAMOVICH, F. 1995. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo, Scipione, 174 p.

CALDIN, C.F. 2001. *A oralidade e a escritura na Literatura Infantil: referencial teórico para a hora do conto*. Disponível em http://www.encontrosbibli.ufsc.br/Edicao_13/caldin.pdf, acesso em 18/05/2007.

CORSO, D. e CORSO, M. 2006. *Fadas no divã*. Porto Alegre, Artmed, 326 p.

DISNEY, W. 2005. *Minha versão da história – Branca de Neve: A Rainha*. São Paulo, Caramelo, 64 p. (Coleção Minha versão da história).

DISNEY, W. 2005. *Minha versão da história – A Bela Adormecida: Malévola*. São Paulo, Caramelo, 64 p. (Coleção Minha versão da história).

GURGEL, N. 2006. *Primeira versão – Literatura Infantil e humor: um pouco de humor na análise do discurso: Resgatando a subjetividade discursiva*. Disponível em http://www.primeiraversao.unir.br/artigos.html – 35k, acessado em 10/11/2006.

JACOBY, S. 2003. *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 304 p.

LUFT, L. 2004. *Histórias de bruxa boa*. Rio de Janeiro, Record, 104 p.

MARTINS, N.S. 1972. *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – USP.

RODARI, G. 1982. *Gramática da fantasia*. São Paulo, Sumus, 188 p.

VIDAL, F.F. 2006. *Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas: Os "novos contos" de fadas ensinando sobre como ser e viver na contemporaneidade*. Porto Alegre, RS. Proposta de Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 64 p.

ZIRALDO. 1980. *O menino maluquinho*. São Paulo, Melhoramentos, 10 p.

Submetido em: 23/05/2007
Aceito em:: 08/06/2007

Leila Mury Bergmann
Faculdade de Educação, UFRGS
Av. Paulo Gama, s/n, prédio 12201
90046-900 Porto Alegre RS, Brasil

Renata Gonçalves Sassi
Colégio Farroupilha
Rua Carlos Huber, 425
91330-150 Porto Alegre RS, Brasil